



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**EXPLICAÇÕES à LUIZINHA**

Por ANÃO SABICHAO

DESENHOS DE A. C. STANÉ

NO lago do jardim da Luizinha vivia uma quantidade de peixinhos, muito lindos.

O Tareco, certo dia, quando a Luizinha deitava migalhas de pão, para dentro da água, veio, muito sorrateiro, pôr-se a seu lado.

Assim que os peixes se aproximavam da borda do lago, o gato todo estremecia e miava, nuns *rinhaus-nhaus* gulosos.

A Luizinha percebeu-lhe a intenção e, de propósito, deixou cair na água, perto do bichano, uma côdeazinha de pão.

Logo um peixe, mais ágil, se precipitou sobre o pão e o Tareco, num movimento rápido, lançou-lhe a garra, fugindo com êle, para o jardim.

Com um grito de entusiasmo, a Luizinha

chamou-me para eu presenciar aquela proeza do seu gato.

Lá estava êle sentado ao pé do peixinho que, em convulsões, se contorcía na areia.

—«Porque salta êle tanto, Anãozinho?» — perguntou-me a pequena, muito admirada.

—«Porque está aflito e tão aflito, que daqui a pouco, estará morto.» —

—«Então o peixinho morre aqui e não morre dentro de água.» —

—«O peixe é um animal aquático, não sabias, Luizinha? Nunca o devias ter tirado do lago.» —

—«E o que quere dizer aquático, amigo Anão?» —

—«Quere dizer que só vive na água.» —

—«Mas as rãs da poça, lá ao fundo da quinta, quando saiem da água, não morrem.» —

—«E' verdade! Mas a rã é um animal que vive em terra e não na água.» —

—«Então, se as rãs não vivem na água, porque é que quando chegamos perto delas, saltam logo para o fundo do charco?» — tornou a Luizinha, cheia de curiosidade.

—«As rãs são muito medrosas. E' por isso que se escondem, debaixo de água, assim que ouvem qualquer barulho. Mas não ficam lá muito tempo. Quando vais á praia vêr o teu pai tomar banho, não reparas que êle mergulha durante algum tempo? Isso acontece também com alguns animais. A rã pode até agüentar-se mergulhada, mais duma hora.» —

(Continua na página 4)



Grandes de Portugal

NOTAS BIOGRÁFICAS

POR MANUEL FERREIRA

D. PEDRO V

CHAMOU-LHE «Esperançoso», o povo, quando começou a reinar. «Rei-Santo» lhe chamou o mesmo povo, depois, quando o viu à cabeça dos moribundos, consolando as dôres, enxugando as lágrimas, no meio da tristeza, do luto e da desolação das epidemias.

Nascido em 1837 e educado primorosamente por sua mãe, a Rainha D. Maria II, revelou desde muito novo as mais brilhantes qualidades de espírito e de coração. Pedro de Alcântara — assim se chamou êle, estava destinado a ser sempre um mártir do infortúnio e da desgraça. Mas no seu curto reinado, teve enorme realce, o conjunto de boas acções do

soberano que, fazendo sempre o bem, conseguiu que a História o apontasse como um monarca bondoso, culto e liberal.

Lisboa apresentava um aspecto tristíssimo com as epidemias. Poucas pessoas estavam na cidade. O terror era enorme. Os hospitais eram insuficientes para tantos enfermos. E no seu apostolado, quando todos fugiam, el-rei ficou, visitando os hospitais, distribuindo esmolos, alegrias e confortos de toda a espécie. Quando todos, receando o contágio, deixavam Lisboa entregue à sua dôr, a figura do jovem soberano percorria, simplesmente, a cidade, de lés a lés, informando-se de todos os doentes e querendo que

êstes não juntassem aos horrores da doença a falta de consolações e de confortos.

Ele era um santo. Sentava-se junto dos enfermos e parecia-lhe que o mal dos outros era o seu. Dirigia aos enfermos palavras de esperança.

* Toda a gente dizia a el-rei que se não expuzesse. Mas êle, todo absorvido na sua tão nobre missão, não ouvia conselhos...

E nunca se viria um rapaz de 20 anos, chefe de Estado, expôr-se, pela sua bondade, a tamanhos riscos!

D. Pedro V casou num dia formoso de primavera com a linda e bondosa D. Estefânia. Veio gente de todas as terras para abençoar os noivos. Mas, para em tudo haver infelicidade, a corôa de noivado de D. Estefânia, feriu-lhe, por ser muito apertada, a nobilíssima fronte.

Aquele casamento não fôra occasionado pela diplomacia, mas sim pela estima entre êles. Pedro e Estefânia foram o exemplo das mais belas virtudes domésticas e cívicas.

E quando sua mulher morreu, D. Pedro V disse, numa carta, ao duque da Terceira, o seguinte:

O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS

Querida Luisinha:

Então, a tua «Licas» é uma boneca tão catita e, afinal, ainda não tem um guardanapinho para comer?

Grande falta a da sua mamã! Olha Luizinha temos de habituar os nossos filhos a serem acaados, por isso é um feio hábito deixá-los comer sem guardanapo. Vais, portanto, começar, o mais cedo possível, a fazer êste modelo que hoje publico para ti. Para isso, qualquer pedacinho de pano serve, seja qual fôr a qualidade ou côr.

A's bonecas quási tudo vai bem. E depois elas são boas de contentar e bem pouco exigentes!

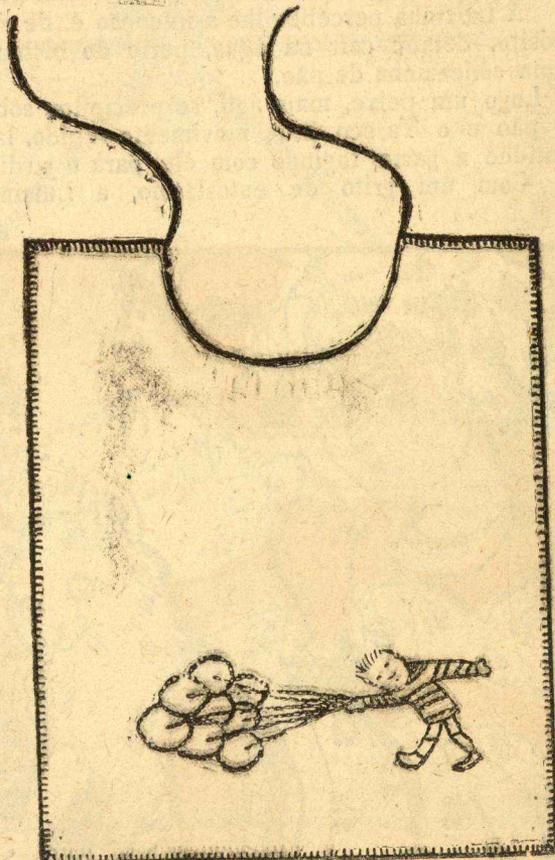
Com o nosso conhecido pontinho pé de flôr, fazes o boneco com linha brilhante preta.

Para cada balão, escolhes côres diferentes e ao teu gôsto. O picot, à volta, é feito com agulha de *crochet* e linha encarnada como já tenho ensinado.

Aí tens um engraçado trabalho para a primeira tarde passada em casa.

E, agora, recebe um grande beijo da tua amiguinha

ABELHA MESTRA

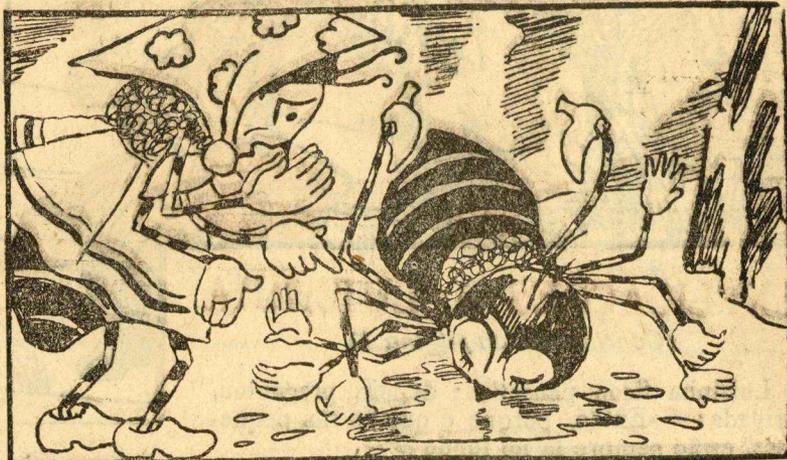


AMBIÇÃO DUMA ARANHA

Por MARIA MADALENA

No meio da lenha,
De certa cozinha,
Uma aranha
Com manha
Fazia a casinha.

Andava gordita,
Mas algo exquisita
Nas suas maneiras



Com as companheiras!
Do seu canto airoso,
Olhava-as de cima,
Com esse ar vaidoso,
Teimoso
De certa menina...

Porquê, afinal?...
O pobre animal
Era acaso mais
que os demais?!
Por ser rubicunda
E fecunda?
Talvez...

Certo é que uma vez
Minou-a a vaidade
Daninha
E quiz ser rainha!
Com gosto profano
E insano,
Subira dum salto,
tão alto,
que a teia partira
E caíra!...

Aos trambulhões
Rebolões,
Caíu sucumbida,
Dorida,
tão ferida,
que até desmaiou!
Passado um minuto
Abriu os olhitos,
Finos e espartitos,
Olhando em redor.

(Conclui na página 7)



«Eu e os meus povos temos sido companheiros de infortúnio. Diz-me a consciência que os não abandonei.» E depois: «Ela era um coração para a terra e um espírito para o Ceu.»

Apóstolo da caridade, D. Pedro V foi, também, o apóstolo da instrução. Fundador do Curso Superior de Letras, el-rei, modestamente fardado, ia freqüentes vezes assistir, como simples ouvinte, às lições magistrais, proferidas naquele curso, por Rebelo da Silva e tantos outros.

E D. Pedro era, além de tudo isto, um escritor de rara elegância. Ele era quem preparava as alocuções que dizia no Parlamento e noutras solenidades a que dava o brilho da sua palavra. E, é de el-rei, esta frase, que bem mostra as suas preocupações educativas: «Não se devem trocar os livros pelos prémios, por isso que os prémios são para uma vez e os livros são para sempre.»

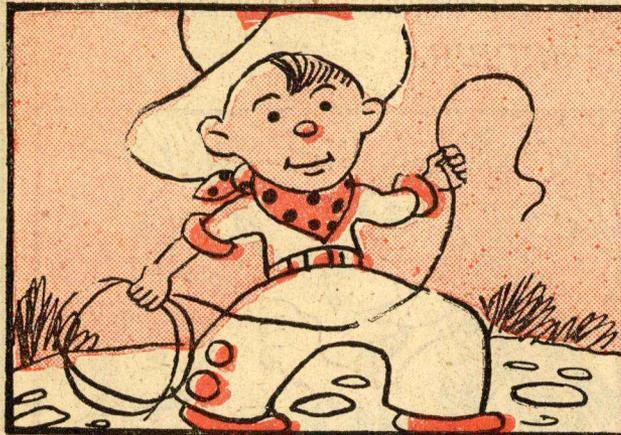
El-rei morreu em 1861, da doença, por assim dizer, misteriosa, que também vitimou seus irmãos: o jovem D. Fernando e

D. João, o garboso coronel de lanceiros...

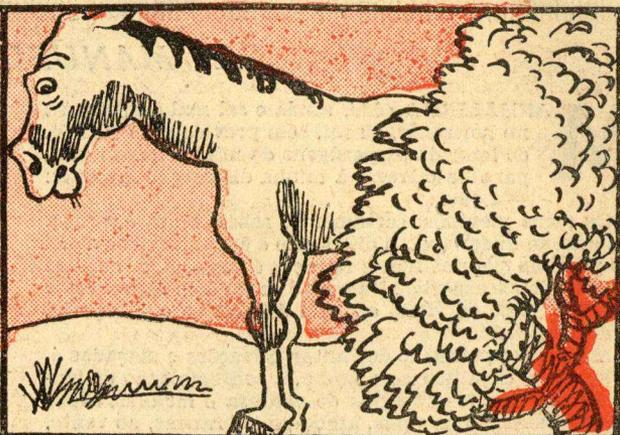
A sua vida foi um exemplo de bondade e dedicação ao seu semelhante. E, há quem diga que el-rei morreu vítima da sua admirável dedicação pelos doentes. E nada mais natural do que dar-se o contágio.

Fôsse como fôsse, o que é certo é que o povo chorou sentidamente a morte de D. Pedro V, daquele rei que fôra um dos maiores exemplos de virtudes domésticas e cívicas da História de Portugal.

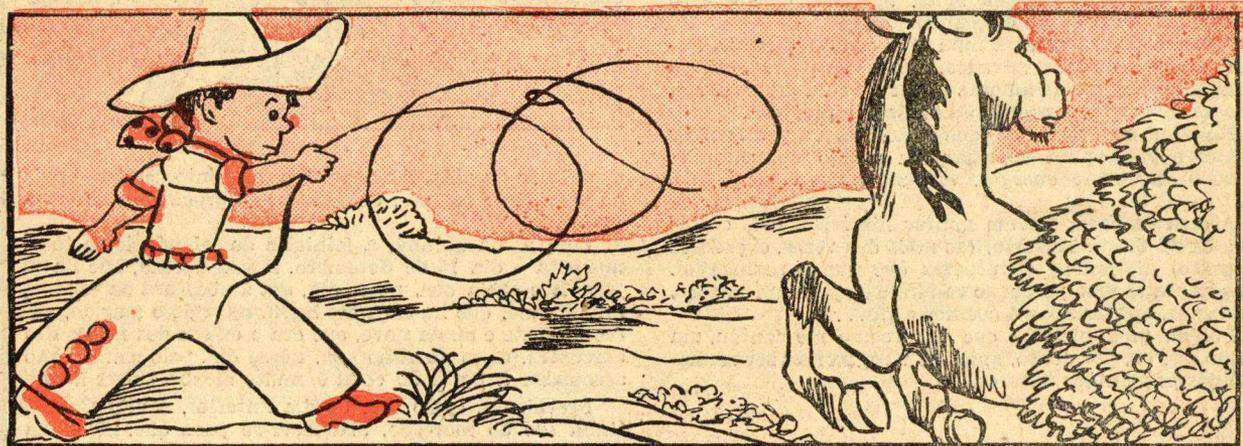
O PEQUENINO «COW-BOY» E O «ÁGUIA NEGRA»



O filho dum vaqueiro americano, andava, certo dia, todo ufano, deitando o laço, como o pai fazia, a todo o animalejo que surgia.



Nisto, atrás dum arbusto surge o vulto dum pobre cavalito, meio oculto. Aos pulos, de contente, o nosso herói imagina-se já grande «cow-boy».



Em gesto resolute e alvorôço, prepara o laço e lança-lho ao pescôco... Porém o cavalito, presentindo a manobra, a galope eis já fugindo,

emquanto o laço tomba, circundando o pescôco do audaz chefe dum bando, conhecido em redor, por Séca-e-Méca, pelo Águia Negra, o dono da pileca.



E eis como, por acaso, o nosso herói, revelando uma estranha vocação, pôde prender, fazendo de «cow-boy» o Águia-Negra, terror dessa região.

UMA HISTÓRIA DA CAÇA

Por MANUEL FERREIRA

MANHÃZINHA cedo, ainda o sol mal despontava no horizonte, eu fui, bem provido e abastecido, de longada às parágens da minha terra natal, para me entregar à minha distracção favorita: — a caça.

Os meus meninos, certamente, sabem o que é a caça. É a arte de andar todo o dia, a pão e água, a correr atrás das perdizes que nos fazem negaças e dos coelhos que nos chamam pouco espertos. Na caça é necessário uma enorme precisão, golpe de vista, espírito desportivo, e, sobretudo, muita paciência.

Mas, a compensação de tantas privações e maçadas é, excluindo a caça que se apanha, a contemplação de longes terras, montes cobertos de verdura e moinhos brancos, desfraldando as velas, ainda mais brancas, ao vento, que embala as árvores.

Num vale, as hortas vicejam, coloridas e verdejantes; as árvores de fruta oferecem ao caçador uma sombra amiga e frutos para matar a sede. As vezes, topa-se com uma fonte, oculta entre fetos e avencas, e, então, de brugos, sôfregamente, bebe-se água, água..., com que se aprovisiona o estômago e o cantil.

E tão depressa se está num alto, como num vale. Parques velhas, combros, silvados, montes de pedras, onde o abrunheiro bravo e as amoras alastram com exuberância, tudo o caçador transpõe, com agilidade e presteza.

No fim do dia vê-se que não valeu a pena correr montes e vales para apanhar um coelho enfezadinho, contudo adquire-se energia, vontade firme e, sobretudo, muito apetite...

Acêrca da caça, correm muitas histórias, pois certos devotos de Santo Huberto, (as mais das vezes, caçadores de prato) ufanam-se de proezas que nunca realizaram. Uma vez salta uma perdiz ao caminho e apanham-se duas. Outra vez, apanham-se 4 coelhos a fio...

Porém, uma história que um coelho me contou, um coelho que eu, por acaso, apanhei vivo, merece ser conhecida dos pequeninos leitores.

«Tudo-rói» era um coelho animado, esperto e embirrento. Não queria ouvir os conselhos que a mãe Coelha,



experiente da vida, lhe dava. E o seu ponto de vista havia de prevalecer sempre, embora a mãe procurasse obstar a isso.

Ora, nessa manhã, a folhinha do calendário da toca, marcava o dia 15 de Setembro. A mãe Coelha, que lia os jornais e sabia que, nesse dia, era a abertura da caça, e, ainda mais, que na caça lhe havia morrido o marido, um coelho forte e ainda novo, que era o enlevo dos matos dos arredores, disse ao filho que, nesse dia, pelo menos, não assomasse à porta do covil e, muito menos, saísse à rua.

Previdente, como era, no dia anterior, a mãe Coelha tinha ido ao mercado, abastecer-se para que, nesse dia tão trágico, não precisassem de sair. E dizia ao «Tudo-rói»:

— «Não podes sair, porque há aí uns animais muito grandes e exquisitos, chamados «caçadores», que fazem: — «Pum!» e é uma vez um coelho. Lembra-te de que, dessa matança, morreu teu pai...»

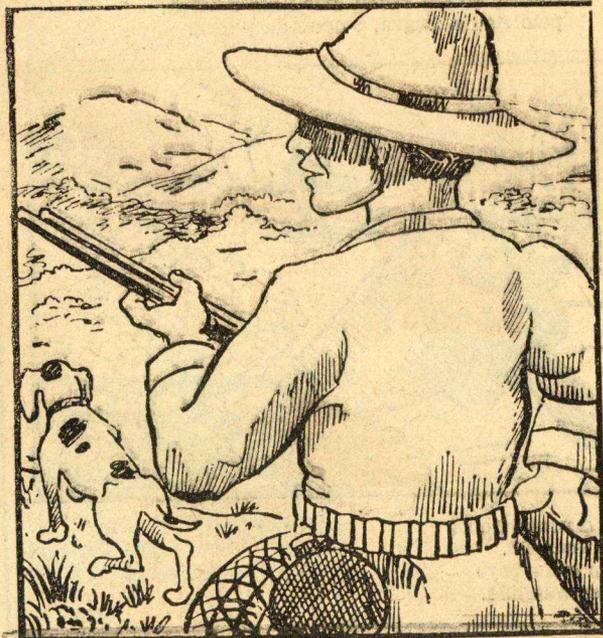
Mas o coelhinho não se importou com as advertências da mãe. E, no dia 15 de Setembro, de manhã, espreitou da toca. Ouvi-o dizer para dentro:

— «Não tenho medo! Se eu visse algum caçador, não sei o que lhe fazia! Era certo que o trincava logo.»
Eu ouvi este disparate e fui-me pôr, pé ante pé, à entrada do covil. Quando êfe apareceu, todo lampeiro, eu, — zás! — agarrei-o pelas orelhas e levei-o na minha rede.

A tarde, por acaso, passei por ali e vi a mamã Coelha, aflita, a procurar o seu menino. Como êste, com o susto que tivera já estava bem castigado, eu fui-me embora, tendo posto primeiro à porta da toca o desobediente coelhinho. Foi, então, que êle, comovido, me contou esta pequena história.

Aqui vos fica, meus meninos, êste exemplo. Não sejam desobedientes para que lhes não aconteça o que sucedeu ao «Tudo-rói» que, certamente, nunca mais se esquece dêste susto.

E o coelhinho há-de dizer, de si para si: «Ainda o caçador foi muito bom. Porque se êle fôsse como todos os outros, eu já tinha ido fazer companhia ao meu pai, que perdeu a vida nesta perseguição terrível, que começa no dia, tão triste para nós, de 15 de Setembro.»



O NOSSO CONCURSO: — UMA VILA COMPLETA

Havendo reunido por três vezes o júri, formado pelo director d'este suplemento e pelo autor das construções d'este original concurso, a-fim de fazer o apuramento das respectivas provas, chegou á conclusão de que todos os concorrentes merecem particular louvor pelo interesse e bom acolhimento que dispensáram á nossa idea, cujo objectivo, altamente proveitoso sob o ponto de vista educativo, escusado se torna salientar por demasiado evidente.

Todos, afinal, foram premiados, porque ficaram de posse de um engraçado brinquedo que revela, em seu conjunto, a habilidade manual de cada concorrente.

Como, porém, dentre as trezentas e tantas provas recebidas, muitas revelam um sentido de urbanização deveras para apreciar em tão pequeninos cultores da Imaginação, da Estética e da Harmonia, justo é destacar os que melhor visão artística e bom gosto revelaram.

Seguindo este critério, entendeu o júri dever atribuir a seguinte classificação:

1.º Prémio: — Flora Diniz de Matos — Calçada de Santo André, 22-1.º — Lisboa — 9 anos de idade.

2.º Prémio: — Adelaide de Almeida — Rua Conde Ferreira, 163 — Porto.

3.º Prémio: — Maria Emilia Miranda Pires Machado, de Condeixa.

4.º Prémio: — Manuel José de Oliveira Nogueira — Rua de Arroios, 119-1.º — Lisboa.

5.º Prémio: — Ruth Camacho Nanette Curado — Rua Lopes J. C. E. 1.º ao Alto de S. João — Lisboa.

6.º Prémio: — Fernando Rodrigues de Oliveira — 11 anos — Rua do Arco do Chafariz das Terras, 17 r/c. E. — Lisboa.

PRIMEIROS CLASSIFICADOS:

Afonso Falcão Nogueira, Maria do Ceu Pereira Correia da Silva, Alice Mourinho, José Nunes de Carvalho, Júnior, Alberto Antunes Martins, Mário Diniz Pereira, Lizette Carolina Nolasco Barros, Maria Fernanda Machado, Germinal Nanette Nilson Curado, Carlos Tavares e Rui Duarte Lopes,

SEGUNDOS CLASSIFICADOS

Rui Carlos de Figueiredo, António de Oliveira Natálio, Luiz Pereira, Mário António Mendonça Varatojo, Jorge Macedo Portela, Angelo Alves Longo, Simão Andrade, Mira da Conceição Martins, Maria Madalena Contente, Diamantino Garcia Gaspar, Maria Amélia de Noronha e Abreu Lomba, Dinah de Oliveira, Maria Ismênia Diniz Martinó, Daniel Nanthez, Mari Alice da Cunha Puga, Rafael dos Santos Severo de Almeida, João Pedro Marçal Branco, Maria Celésté Guerreiro Lima, Mário Nogueira, Maria Izabel Fialho, Palmira da Conceição Filipe, Fernando António de Matos Barata da Silva, Carlos Alberto Afonso Gil, Filipa Catarino Neto, Graziela Augusta Dias Ferreira e Maria Orizia de Faria Oliveira.

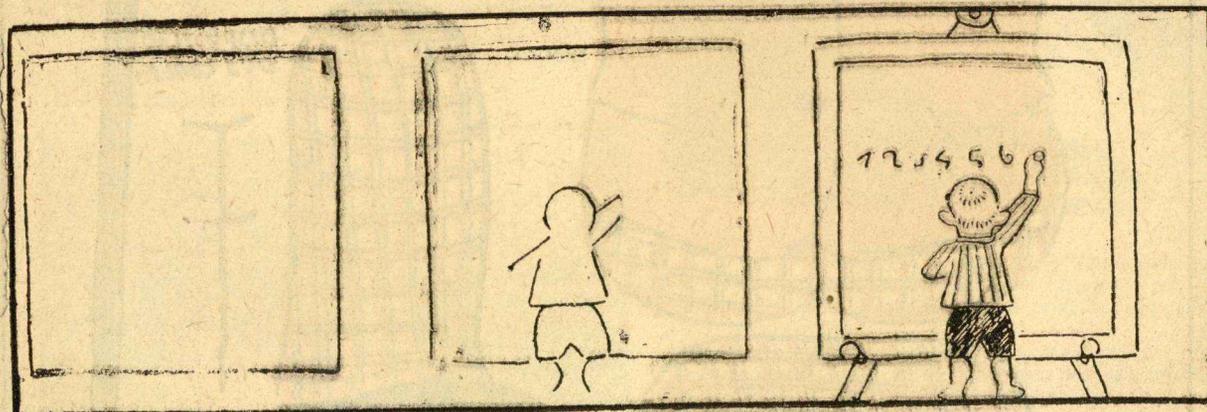
No próximo número começaremos a publicar as provas fotográficas dos premiados.

Todos os premiados e primeiros classificados têm direito á publicação dos seus retratos no nosso suplemento.

Acusamos a recepção de provas fotográficas de mais os seguintes concorrentes, as quais foram ainda incluídas no nosso concurso:

Diamantina Baptista Dias, Afonso Falcão Nogueira, Carlos Tavares, Fernando de Jesus Calado, Carlos Calado, Maria da Conceição Martins, Maria Helena, Germinal Nanette Nilson Curado, Ruth Camacho Nanette Curado, David d'Andrade, António Mendonça Varatojo e Maria Orizia de Faria Oliveira.

Lição de desenho



Como se desenha um menino a escrever na ardósia

AMBIÇÃO DUMA ARANHA

(Continuação da página 3)

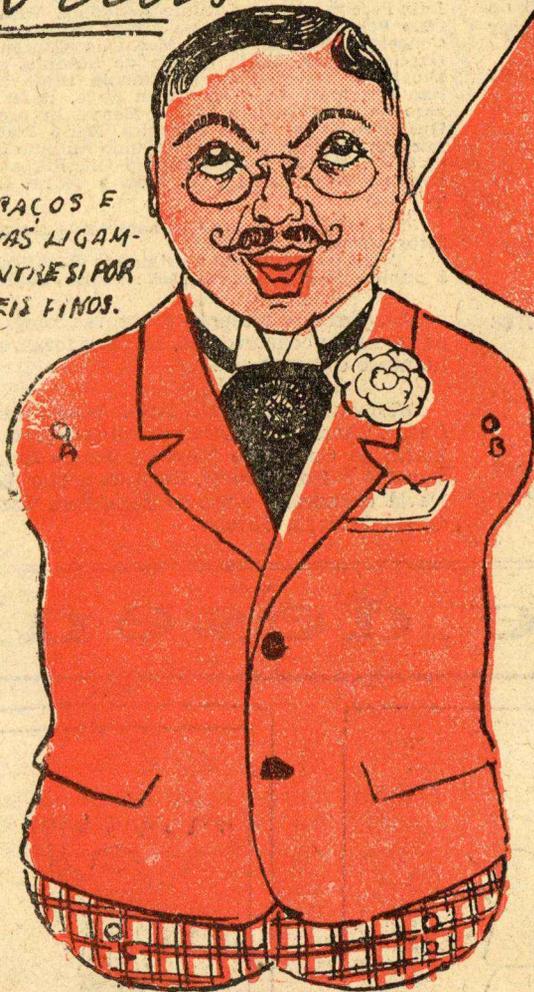
Estava a seu lado
Uma aranha velhinha,
Sequinha,
De sorrir velado,
que, com meiguice,
lhe disse:

— «Eu sou tua mãe
E rainha!
Não temas, porém,
Poís antes de mim
O Destino te olhou
E te castigou.

Não queiras agora
Ser mais
que as demais,
No mundo de Deus
São todos iguais!»

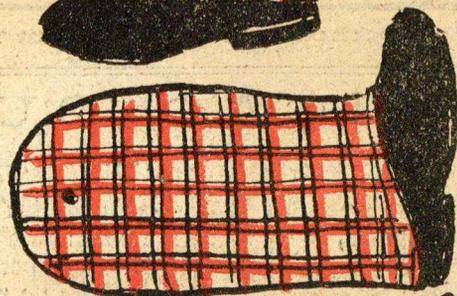
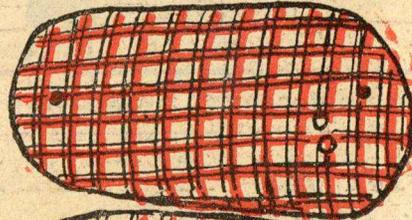
Serapião cum- primenta nos sorais...

OS BRAÇOS E
PERNAS LIGAM-
-SE ENTRESI POR
CORDEIS FINOS.



LIGA A POR
MEIO DE ATA-
CHAS A COM A,
B COM B, ETC.

DISPOSIÇÃO
DOS CORDEIS



da borda

